

Corpo, Infância e Sexualidade no Pensamento de João dos Santos: Radiodifusão de Ideias Inovadoras no Campo da Educação^{1, 2}

Patrícia Helena Carvalho Holanda

Introdução

Este trabalho apresenta a perspectiva intercalada do corpo, da sexualidade e educação inspirado na teoria do psicanalista, pedopsiquiatra e educador português João dos Santos (1913-1987). A opção pela abordagem da temática, tomando como lente o pensamento de Santos, se deve em parte ao seu protagonismo na história da saúde mental moderna em Portugal, por ter efetuado um verdadeiro corte no modo de tratá-la, a ponto de ser considerado um dos seus reformadores. Assim, ele exerce, simultaneamente, o papel de um líder na introdução do pensamento psicanalítico em Portugal e na criação de instituições e serviços, voltados para ajudar as crianças e apoiar os pais.

João dos Santos publicou várias obras. Ao lado disso, preocupado em divulgar popularmente as suas propostas terapêuticas, atuou como comunicador e radialista, quando criou e planejou o programa de rádio “Se não sabe porque é que pergunta? Conversas com Sousa Monteiro³”. As iniciativas dele marcaram de tal forma as ideias do seu tempo que ainda hoje não foi possível formar uma ideia bem definida acerca da sua verdadeira influência e trabalho por uma educação que não fique restrita a escola, mas que ocorra também na comunidade pertencente à sociedade, onde todos estejam envolvidos em promover o bem-estar da criança. No que diz respeito aos registros biográficos de sua atuação, importa dizer também que ele pertence à segunda geração de psicanalistas ligados a Freud (1856-1939), responsável pela introdução de uma nova forma de olhar a criança portadora de dificuldades de socialização e aprendizagem, que foi muito além do enfoque então dominante que o vinculava à Patologia.

A minha aproximação com o pensamento santiano ocorreu através de fonte historiográfica, em particular, do estudo biobibliográfico realizado por Maria Eugênia

¹ In: Histórias de Corpo, Religião e Educação [p. 77-90]. Fortaleza: Edições UFC, 2017.

² Este trabalho é um recorte de uma pesquisa intitulada, as ideias psicopedagógicas de João dos Santos: um estudo em perspectiva comparada Brasil- Portugal, desenvolvida no âmbito da Linha de Pesquisa História e Educação Comparada.

³ Alguns desses programas de rádio foram publicados no livro com o mesmo título. Os programas de rádio podem ser encontrados, ainda, no site <https://joaodossantos.net/>.

Carvalho Branco (2010)⁴, trabalho pioneiro de síntese e aprofundamento do significado de sua obra. Nesse trabalho investigativo, a autora resgata a contribuição de João dos Santos no campo da educação, que começa ao intercalar psiquiatria, psicanálise, pedagogia e sociologia, com vistas a entender o modo de abordar e entender o estatuto da criança no século XX, um tempo marcado por mudanças sociais significativas, que afetaram a dinâmica da instituição familiar e escolar e lançaram desafios aos educadores de ontem e de hoje.

No intuito de entender melhor o sentido de sua obra, ao adotar perspectiva histórico-investigativa, deparei-me com duas fontes extraordinárias, que são compostas por mais de 50 documentos disponibilizados pela Professora Doutora Maria Eugênia Carvalho e Branco, do seu acervo pessoal, sobre a obra de João dos Santos; envolvem anotações datilografadas sobre a sua abordagem e prática profissional, texto de palestras, publicações de matéria em jornal, publicações em revistas nacionais e internacionais, dentre outros.

A segunda fonte são as 53 fitas de áudio do programa de rádio, “Se não sabe porque é que pergunta? conversas com Sousa Monteiro”, transmitido entre outubro de 1983 a julho de 1984. O programa era uma conversa semanal com João dos Santos sobre casos problemas vivenciados por crianças que afirmava

“... prefiro limitar estas conversas às crianças, porque assim os adultos pensam que não estamos a falar deles, mas estamos, porque, evidentemente, os adultos, para serem adultos tiveram que passar pela infância” (Santos, 2004, p. 15).

A emissão do programa foi interrompida, no período de convalescência de João dos Santos, ao ser ele submetido a um processo cirúrgico. Após a convalescência, João dos Santos retoma as gravações dos programas de rádio, numa versão modificada do programa que lhe deu origem, em setembro de 1986, sob o título, “a minha mãe o que é? Conversas com Sousa Monteiro”, que também viria a ser interrompido, devido ao seu estado de saúde.

⁴ Resultado de tese de doutorado da investigadora Maria Eugênia Carvalho e Branco defendida na Universidade de Lisboa, sob a Orientação dos historiadores da educação, Justino Magalhães e António Nóvoa.

A discussão aqui empreendida serve de suporte ao nosso projeto de pesquisa⁵, com o intuito de analisar o conteúdo dos documentos e transcrição dos programas de rádio, no sentido de aprofundar a compreensão das ideias psicopedagógicas de João dos Santos em relação à problemática da educação familiar e escolar.

Na tessitura do seu pensamento, pode-se perceber a influência que recebeu da renovação da Pedagogia, no período do pós-Segunda Guerra Mundial, de autores como: Freud (1856-1939)⁶, Piaget (1896-1980)⁷, Wallon (1879-1962)⁸, Gesell (1880-1961)⁹, dentre outros. Vale destacar que o desenho do percurso trilhado por João dos Santos – um autor da segunda metade do século XX – revela elementos importantes para o nosso entendimento do fenômeno educativo nos dias atuais. Ademais, ele rompe com o pensamento instaurado, anteriormente, que preconizava apenas o sujeito cognitivo, em detrimento de uma visão do sujeito integral. Isto foi possível por ter ele se aproximado das questões postas pela psicanálise, com relação ao entrelaçamento da sexualidade, afetividade, sexualidade e do corpo, uma vez que, para Freud, o psiquismo existe a partir de uma íntima relação entre essas instâncias, conforme assinala Yampey (1981).

O Corpo

No estudo da obra de Freud percebemos que é feito uma separação do psíquico com o somático e a presença de uma preocupação de destacar a impossibilidade de estabelecer uma correlação precisa entre o organismo físico e as manifestações psíquicas. Em outras palavras, Freud admite a possibilidade da existência da relação entre o psíquico e o somático, no entanto recusa que se possam encontrar no corpo humano localizações do psíquico.

Isso pode ser constatado na obra de Freud, em especial, nos *Estudos sobre a Histeria* (1893-1895), onde ele acompanha os passos de Charcot (1825-1893)¹⁰, no início da criação da psicanálise. Investiga o que poderia estar por trás das perturbações físicas das

⁵ Investigação financiada pela CAPES, período do Estágio Pós-Doutoral realizado na Universidade de Lisboa; a parte da pesquisa que envolve a transcrição de fitas tem apoio do CNPq, através do Programa PIBIC.

⁶ Médico neurologista, fundador da psicanálise, nasceu em Viena.

⁷ Biólogo, psicólogo e epistemólogo suíço.

⁸ Filósofo, médico, psicólogo e político francês. Fundou o Laboratório de Biopsicobiologia da Criança e dirigiu a revista *Enfance*.

⁹ Médico e Psicólogo nasceu em Alma, Wisconsin, EUA.

¹⁰ Médico, cientista francês, psiquiatra e neurologista da segunda metade do século XIX.

mulheres histéricas, como: rouquidão, paralisias parciais, tosses constantes, dentre outros sintomas; estes não tinham qualquer base de sustentação anatômica visível. Vale destacar, que, durante muito tempo, as histéricas foram consideradas simuladoras. No entanto, Charcot defendia que a histeria é uma doença representacional e toma os sintomas apresentados por essas pacientes como realidade, mesmo diante da não existência de substrato físico.

Outro ponto que merece atenção em relação ao estudo do corpo e da histeria consiste em situá-los historicamente no século XIX, onde vamos encontrar uma preocupação de fixar a mulher no casamento e no espaço privado do lar, apregoando um modelo de mulher frágil, sensível e dependente, passiva e sexuada em contraposição a outro modelo de mulher que possui uma constituição física e moral voltado para o descomedimento sexual, que precisa ser controlado.

Sobre esse ponto de vista, Nunes (2000), nos adverte que as mulheres que fugissem do padrão de comportamentos femininos de esposa e mãe eram vistas como pessoas descontroladas, “devido à sua frágil estrutura, podendo sucumbir aos seus estigmas degenerativos, transformando-se em criminosa, louca, histérica ou ninfomaníaca” (p.12). Nunes (2000) revela que a mulher no século XIX não desfrutava de muita credibilidade. O seu papel ficava circunscrito ao espaço privado apenas, como algo dirigido ao cuidado com a família, sendo que a sua sexualidade deveria ficar restrita à procriação, motivo pelo qual estava submetida à autoridade masculina. Para a autora, o controle desses “aspectos degenerativos do feminino”, deveria ser feito pela psiquiatria e sexologia, que assumem, então, o papel de reguladoras da sexualidade feminina e de adestradores dos seus corpos.

Para efeitos de ilustração, recorreremos à concepção de mulher retratada na literatura, nas obras de Eça de Queiroz (1845-1900), um dos principais representantes do realismo português, devido à composição dos seus personagens femininos. Nos seus escritos, a mulher é representada em alguns dos seus personagens como um ser, privado de razão, falível, fútil e portador do pecado e da tentação. Tal tipificação do feminino pode ser constatada na descrição que o autor faz de Maria Monforte, personagem do romance, *Os Maias*¹¹, filha de Monforte, mãe de Carlos Maia e Maria Eduarda: “nunca Maria Monforte aparecera mais bela: tinha uma dessas *toilettes* excessivas e teatrais que ofendiam Lisboa, e faziam dizer às senhoras que ela se vestia «como uma cómica» (Idem,

¹¹ QUEIROZ, Eça de, *O Primo Basílio* [1878], Porto, Porto Editora, 2007.

p. 28)”. Essa passagem da obra, dentre outras, deixa transparecer o destaque que o autor dá à imagem feminina de uma brasileira que se move voluptuosamente, como uma dançarina da vida; momentos dançando, conforme a música, mas sem máscaras, suscitando as mais diversas e ambíguas emoções nos outros personagens da trama. Desse modo, a descrição da personagem em pauta nos fornece uma visão antropológica da mulher no século XIX, ou seja, de como ela era vista enquanto ser do mundo real, quando ia contra o padrão moral bem-comportado, apesar da Europa desse fim de século, encontrar-se no período em que tem início o movimento de emancipação da mulher ocidental.

Para além desse confronto entre a idealização e a materialidade das condutas, estava a luta entre razão e emoção. Courbin (2011) contribui para compreendermos a herança do século XIX no pensamento de Freud, que apresenta uma concepção de psiquismo como uma instância que permite compreender quando, como e por quê o sujeito sente, percebe, pensa e age, corporalmente, ao afirmar, que,

O século XX é que inventou teoricamente o corpo. Essa invenção surgiu em primeiro lugar na psicanálise, a partir do momento que Freud, observando a exibição dos corpos que Charcot mostrava na Salpêtrière, decifrou a histeria de conversão e compreendeu o que iria constituir o enunciado essencial de muitas interrogações que viriam depois: o inconsciente fala através do corpo. Este primeiro passo foi decisivo, dado que abriu a questão das somatizações, e fez que levasse em conta a imagem do corpo na formação do sujeito, daquilo que viria a ser o “eu-pele”. Seguiu-se a este um segundo passo, que talvez possa atribuir à ideia que Edmund Husserl fazia do corpo humano como o “berço original” de toda a significação. Sua influência foi sentida profundamente na França, e conduziu, da fenomenologia ao existencialismo, à concepção elaborada por Maurice Merleau-Ponty do corpo como “encarnação da consciência”, seu desdobramento no tempo e no espaço, como “pivô do mundo”. (COURBIN, 2011, p 7-8)

Através do tratamento da histeria, Freud moldou a técnica e o método psicanalítico, propondo um tratamento através da palavra. Rejeita o método hipnótico em favor do diálogo com o paciente, no sentido de auxiliar o paciente a encarar o conteúdo que ele oculta de si mesmo para integrar no psiquismo normal. E convém destacar que, ao fazer isso, Freud pode compreender o poder latente da linguagem.

João dos Santos parece concordar com o pensamento de Freud ao afirmar no texto “O Corpo, a Forma e o Conflito”¹², que “o corpo é o organismo humano onde tudo se passa. É com o corpo que se aprende a conhecer; e conhecer é relacionar-se com as pessoas, coisas e situações em que pessoas e coisas se relacionam”. Sobre esse assunto é importante destacar uma de suas

¹² Texto poligrafado disponibilizado gentilmente pela Professora Doutora Maria Eugênia Carvalho Branco, do seu acervo pessoal. Este texto foi elaborado pelo Doutor João dos Santos, com o intuito de proferir uma palestra no Encontro de Professores – Esc. M. A. S. Oeiras, 1978.

falas no programa de rádio intitulado, “Se não sabe, porque é que pergunta?, ao fazer referência ao corpo de Picasso e aos traços infantis presentes em sua personalidade.

(...) Picasso era muito engraçado porque justamente ele era muita criança e tinha coisas de criança é... Quando se ria, ria com o corpo todo, sabe como é? Algumas pessoas riem só com a boca, como algumas senhoras chiques, não é? Que só riem só com a boca assim: huhuhuhu.

E há os outros tipos que riem assim [...]. Parece um “barrito” com a voz forte. E há pessoas que riem assim com o corpo todo, quando se riem dão saltinhos e descem o corpo todo, não é? São as pessoas é... talvez, mais espontâneas de todas ou que estão mais à-vontade de todas, ou talvez as que são mais infantis. O Picasso dava-me essa ideia que ele tinha ficado um bocado infantil, infantil não tem nada de... de dizer mal. (...) É natural é até bom, quer dizer, eu acho que é muito bom ser infantil.

A fala de João dos Santos nos remete a pensarmos sobre o riso, espontaneidade do riso. O seu primeiro significado é o contentamento, a desconstrução, a surpresa, facilitando a liberação emocional, assim como o choro. Expressões tão próximas da infância que se aprende a usá-las para buscar uma repercussão afetiva ou para dissimular uma agressividade latente. Sua formação como educador físico, psicanalista, neurologista e psicopedagogo, bem como seus estudos no laboratório de biopsicologia de Wallon que tomava a personalidade como a totalidade do ser, contribuiu para a sua compreensão do indivíduo como um todo indissociável, cujo desenvolvimento deve ser harmonioso em todas as direções.

Há evidências de algumas afinidades de João dos Santos com a fenomenologia de Merleau-Ponty na busca de entender às vivências das pessoas no mundo em que vivem e como percebem o mundo a sua volta. Assim, ele apresenta um distanciamento do período clássico da filosofia como da concepção platônica, onde ocorre uma contraposição de corpo e alma e se aproxima Merleau-Ponty que compreendia “o corpo é nosso próprio modo de ser-no-mundo”¹³. Todas essas experiências e aprendizagens contribuíram de forma significativa para sua compreensão do desenvolvimento infantil e de suas obras, ao defender que o bebê nas suas conquistas motoras inaugura as grandes aquisições psíquicas, ao declarar no texto supracitado, “O corpo, a forma e o conflito”, que...Ter corpo é ter um organismo que funciona em termos de fazer funcionar com o seu interior sensível aos estímulos externos, ternos ou agressivos, um corpo que seja suscetível de estabelecer uma conexão, entre essa vida interior e a superfície cutânea, os membros, os órgãos internos. (SANTOS, 1974, p. 4)

Isto posto, pode-se deduzir que a organização corporal antecede em certo sentido, a organização psíquica. Mais uma vez percebemos a afinidade de João dos Santos com o

¹³ Disponível em:

http://www.cchla.ufrn.br/Vivencia/sumarios/37/PDF%20para%20INTERNET_37/02_Alice%20Casanova%20dos%20Reis.pdf (acessado em 23/06/2017). REIS, Alice Casanova dos. A Subjetividade como Corporeidade: o corpo na fenomenologia de Merleau-Ponty.

pensamento de Merleau-Ponty, ao assumir a ideia do corpo não apenas como organismo fisiológico predisposto a responder a excitações, mas o dispositivo no qual a criança estabelece as relações afetivas primeiramente com a figura materna e posteriormente com as outras pessoas do seu convívio. Essas interações são realizadas no sentido de a criança sair do isolamento, ou seja, para ela existir. Por outro lado, não podemos esquecer, de voltar a pontuar as afinidades de João dos Santos com Freud, uma vez que os dois estudiosos como neurologistas dão mostras da aceitação da ideia de que os mecanismos psíquicos acontecem e se originam no corpo orgânico e biológico, ainda que não fosse possível elucidar essa indicação. Dito isso, é possível descrever, a relação entre corpo, sexualidade e educação fundamentando-se essencialmente no pensamento de João dos Santos e nas investigações psicanalíticas. Trataremos a seguir as questões referentes a sexualidade e educação.

Sexualidade e Educação

Na obra de Freud e João dos Santos vamos encontrar uma preocupação de advertir pais e educadores para a necessidade do tratamento honesto, por parte do adulto, nas questões concernentes ao sexo. Isso deve-se ao fato das crianças sadias e inteligentes estarem interessadas pelas questões sexuais, antes de adentrarem a puberdade. Sobre esse assunto Santos (1991) nos explica usando a metáfora do caracol, quando escreve um capítulo sobre educação sexual intitulado, “por que é que os caracóis são ingênuos e estúpidos?”, nos seguintes termos:

O caracol, coitado, é lento, não tem malícia. É, portanto, estúpido. Tinha que ser, estava escrito na sua estrutura genética. E esta? Os meninos ingênuos, são estúpidos ou fazem-se? São estúpidos ou fazem-nos? Vamos então fazer a <<educação sexual>> para os tornar inteligentes? Se se entende por <<educação sexual>> criar como fazem os heliciculturistas, uma barreira elétrica intransponível, ou como fazem os pedagogos intelectualistas uma barreira científica com o ensino da anatomia dos órgãos reprodutores, então, caracóis ou meninos, é como se criássemos caracóis. É a educação para a ingenuidade e para estupidéz. Felizmente que os meninos não vão nisso, porque com barreiras intransponíveis não se criam pessoas inteligentes, e eles são-no potencialmente. Para se criarem pessoas inteligentes, é necessário o <<quantum satis>> da barreira. Barreiras que permitem a auto-repressão dos impulsos e que permitam, simultaneamente, que a imaginação funcione (Idem, p. 135).

João dos Santos nos adverte, claramente, para importância da escola assumir junto com os pais a tarefa do tratamento das questões referentes ao sexo sem subterfúgio, devido às dificuldades de pais e professores lidarem com essas questões; caso contrário a verdade recalçada voltará, comprometendo a independência do pensamento, ou seja, da função intelectual. Sobre esse assunto Santos anuncia no programa de rádio, “Se não sabe,

porque é que pergunta?”¹⁴, quando comenta sobre o caso clínico de fobia do Pequeno Hans com João Sousa Monteiro

... o Hans não gosta do pai porque o pai lhe tira a mãe. Mas em vez de dizer que não gosta do pai, diz para ele próprio que o pai é que não gosta dele, o que é um mecanismo perfeitamente compreensível. Naturalmente que a gente, quando não gosta de um tipo qualquer, tem medo dele porque pensa que ele vai descobrir que não gostamos dele. Eu não gosto do meu pai, mas vou dizer para mim próprio que ele não gosta de mim ou que tem alguma coisa contra mim. Mas isso ainda pode ser suspeito, eu vou ainda fazer outro artifício, que é dizer que afinal do meu pai não tenho medo, é do cavalo, e passa aquilo para o cavalo, e passa a dizer que tem medo dos cavalos.

(...)

Freud não desenvolve muito este tema de inteligência, nesse trabalho, mas percebe-se que realmente o que é inteligente para as pessoas é deslocarem o seu pensamento para outros objetos e inverterem. (...) Quando uma criança pergunta como é que nascem os bebés é claro que eles já sabem que os bebés nascem de uma maneira esquisita, já tem lá a sua ideia, a sua filosofia a esse respeito ou de como é que os bebés vão para dentro da barriga das mães. Claro que ela tem pelo menos uma resposta para dar. Agora o que a criança quer saber é se essa resposta é a conveniente, é a que lhe permite ser amada pelas pessoas crescidas e não ser uma coisa escandalosa como aquelas que se dizem lá na escola, ou lá entre os meninos, que misturam isso com cocó e chichi e coisas assim, de formas maliciosas, que o miúdo já está a perceber que não devem ser aceites pelos adultos, porque senão seriam ditas assim tão às escondidas. Portanto, o que a criança precisa saber é se a resposta do adulto lhe permite integrar o seu próprio saber espontâneo e o saber conveniente para os outros, aqueles que os adultos convenientemente defendem. (p.20-21)

O Pequeno Hans é a primeira criança de 5 anos tratada pela psicanálise, devido apresentar um quadro fóbico. A análise da criança ocorreu durante o primeiro semestre do ano de 1908 e a história clínica publicada por Freud em 1909, com autorização do pai de Hans. A fobia de Hans estava relacionada ao seu medo da castração, motivo pelo qual ele desloca esse medo para os cavalos e a hostilidade para com a figura paterna se transformou no medo do cavalo mordê-lo. Isso ocorre devido a afeição erótica que desenvolveu pela figura materna, que o leva a desejar que seu pai caísse e morresse como um cavalo que ele presenciou caindo. No entanto, ao mesmo tempo sentia-se culpado em relação a agressividade dirigida a figura paterna. Desse modo, a repressão da afeição erótica pela mãe transformou-se em ansiedade que foi deslocada para medo de cavalos. Na busca de elaborar a angústia a criança encontrou um objeto que possuía a representação psíquica e deslocou o seu medo para esse objeto, no caso de Hans para o cavalo, na tentativa de evitá-lo e libertar-se, ao mesmo tempo, da sua angústia. Nessa história clínica, Freud nos proporciona elementos para a compreensão da teoria da sexualidade infantil. Ele demonstra, ainda, como os conflitos intrapsíquicos da neurose

¹⁴ Essa audição encontra-se publicada no livro intitulado “Se não sabe porque é que pergunta é que pergunta? Conversa com João Sousa Monteiro. 6ª edição. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

encontram suas raízes e o seu suporte na história infantil. A origem psicogenética das neuroses é um dos principais pontos de interesse de João dos Santos pela obra de Freud e o estudo da infância.

Como podemos observar a fala de João dos Santos no programa de rádio nos remete aos estudos de Freud acerca das crianças de 5, 6 anos de idade, fase em que estão preocupadas em compreender como ocorre a procriação. É por volta desse período, diz ele, que a criança, se encontra as voltas com a resolução do complexo de Édipo e estará, por conseguinte, confrontando-se com a angústia da castração que lhe leva à frustração. Supõe que, para o menino o defrontar-se com a ausência de pênis na mulher, confirma a possibilidade de perder o seu; para a menina significa a renúncia da esperança de um dia vir a ter um. No entanto, parece que uma certa ignorância em relação à existência da vagina é que mantém ilesa sua teoria da identidade sexual, que segundo Freud seria responsável pelo fracasso e esforço de pensar. Estas reflexões e dúvidas são as primeiras formas do trabalho de pensar voltado para resolução de problemas.

Vale destacar, que a reflexão que a criança faz sobre sua identidade sexual deve ser vista como um momento valioso de construção do seu conhecimento, algo bem diverso do olhar reducionista e simplório que a entende como algo imoral ou pecaminoso. A sexualidade tem o seu início na atitude curiosa em relação à nossa anatomia, ou seja, desde o princípio, o psiquismo faz conquistas que se estendem por todo o processo trilhado na construção da personalidade da criança, demarcando a diferença até então circunscrita ao instinto sexual. Portanto, nesse sentido, a educação sexual – que significa falar sobre ela e entender como a sexualidade humana se manifesta - deve ser ministrada nas escolas como forma de lidar com as neuroses e favorecer o bom funcionamento intelectual da criança. João dos Santos nos adverte que o ensino constitui parte da educação, não é a educação toda. Todos os aspectos da vida da criança devem ser contemplados: a relação afetiva com os pais e professores, os aspectos cognitivos, as experiências com o mundo exterior, os contatos sociais no âmbito a escola família e demais espaços, dentre outros. Ressalta, ainda, que com base neste ponto de vista, os primeiros anos da vida da criança na escola contam mais do que todos os outros, uma vez que as experiências da primeira infância se sobrepõem sobre as demais experiências posteriores.

Entende-se porque, na escola de João dos Santos as crianças desenvolvem a iniciativa, o espírito de colaboração e autodisciplina. É uma escola concebida para a

criança, com um espaço para os profissionais da educação e professores amadurecerem seus objetivos de ensino, executando-os por meio de projetos de pesquisa cultural originário das aspirações de todos. Por conseguinte, os programas devem ser mais flexíveis e partir do conhecimento do interesse dos alunos, das suas necessidades, levando em consideração o desenvolvimento mental e emocional de cada um. As produções dos alunos devem ser reconhecidas pelo professor e colegas como uma contribuição necessária, em que o professor permite a troca no grupo, oportunizando espaço para cada integrante do grupo manifestar sua opinião, no sentido de garantir o direito de fala e escuta.

Outro aspecto não menos importante, é o espaço de discussão para os alunos conversarem com os professores acerca dos seus sucessos e insucessos e para fazerem muitas perguntas sobre a sua existência de ser. Enfim a escola concebida por João dos Santos possui como objetivo precípua dar uma verdadeira mensagem de boas-vindas à cultura e a sociedade muito mais importante do que as lições aprendidas, recitadas e anotadas.

Considerações Finais

A leitura da obra de João dos Santos nos remete ao significado por ele abraçado em relação à subjetividade da criança voltada para a totalidade do ser. Ele nos convida, dessa maneira, a refletir sobre a constituição da subjetividade da criança e olhá-la como um todo indissociável, destacando ainda a importância do seu desenvolvimento ocorrer de forma harmonizada em todas as direções. A grande importância que outorga à infância concerne, dentre outros motivos, ao fato de que os adultos, vez por outra, caírem nos equívocos de perspectiva que são idênticos aos erros que foram cometidos durante a infância que tiveram quando criança, motivo pelo qual é saudável conhecer esses equívocos, no sentido de buscar uma libertação e barrar assim a repetição, aspectos tão facilmente observados na neurose.

A concepção de João dos Santos, em concordância ao que destacou Freud sobre a neurose, se encontra justamente calcada numa superação de uma visão orgânica, na direção de uma concepção psicogenética. A sexualidade dos neuróticos para Freud passa por desvios que podem ser explicados através de uma regressão a um dos estágios do desenvolvimento infantil, conforme estão concebidos por ele em sua teoria.

Destarte, ao estudarmos as conexões entre corpo, sexualidade e educação à luz do referencial santiano, revolvemos camadas de sombra, o que serve de fundamento à

psicanálise, a psicologia e educação, tornando-as preparadas para acolher novas sementes para esta desafiadora discussão.

Referências

NUNES, Silvia Alexim. *O Corpo do Diabo entre A Cruz e a Caldeirinha*: um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SANTOS, João. *Ensaio sobre Educação II – O falar das letras*. 2ª edição. Lisboa: Horizonte, 1991.

_____. *Se não sabe porque é que pergunta?* Conversas com João Sousa Monteiro. 6ª edição. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

YAMPEY, Nasim. *Cultura Psicanalítica*. Buenos Aires, Polity Press, 1981.